

O que significa ser bilíngue para surdos usuários de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa: uma investigação sobre bilinguismo bimodal e ideologias linguísticas

What it means to be bilingual for deaf users of Brazilian Sign Language and Portuguese: an investigation on bimodal bilingualism and language ideologies

Aline Behling Duarte¹

Débora Medeiros da Rosa Aires²

Tatiana Bolivar Lebedeff³

Resumo: Objetiva-se refletir sobre o uso de línguas de modalidades distintas e discutir as percepções de surdos quanto ao próprio *status* de bilíngues bimodais. Adotou-se uma visão holística (GROSJEAN, 2008a) para o bilinguismo, entendendo o bilíngue como um todo integrado que não pode ser separado, e não como a soma de dois monolíngues. Defendeu-se a ideia de que bilíngues, sejam unimodais ou bimodais, não têm necessariamente os mesmos níveis de proficiência em cada uma das habilidades e estão situados em um *continuum* linguístico (MOZZILLO DE MOURA, 1997; MACNAMARA, 1967). Foram adotados os pressupostos sobre ideologias linguísticas de Del Valle (2007), que as define como um sistema de ideias que articula noções ligadas à linguagem e formações culturais, sociais e políticas, e de Woolard (2007), cuja compreensão de ideologias inclui os aspectos sociais e o exercício de poder. Os resultados indicam que os informantes têm consciência de que a Libras é sua primeira língua (BAGGA-GUPTA, 2000), mesmo que a tenham adquirido tardiamente (SILVA, 2015). Porém, averiguou-se que muitos não se consideram bilíngues. Mesmo que tenham vivenciado situações em que ocorreram preconceitos, dificuldades de comunicação ou isolamento linguístico, percebeu-se que, em termos gerais, os informantes aferem valor positivo ao bilinguismo bimodal.

Palavras-chave: Libras. Bilinguismo bimodal. Ideologias linguísticas.

Abstract: The aim is to reflect on the use of languages of different modalities and to discuss the perceptions of deaf people regarding their own status as bimodal bilinguals. A holistic view was adopted (GROSJEAN, 2008a) for bilingualism, which understands the bilingual as an integrated whole that cannot be separated, and not as the sum of two monolinguals. The idea defended was that bilinguals, whether unimodal or bimodal, do not necessarily have the same levels of proficiency in each of the skills and are situated on a linguistic continuum (MOZZILLO DE MOURA, 1997; MACNAMARA, 1967). The assumptions about linguistic ideologies by Del Valle (2007) were adopted, who define them as a system of ideas that articulates notions related to language and cultural, social and political formations, and by Woolard (2007), whose understanding of ideologies includes the aspects and the exercise of power. The results indicate that the informants are aware that Libras is their first language (BAGGA-GUPTA, 2000), even if they acquired it late (SILVA, 2015). However, it was found that many do not consider themselves bilingual. Even if they have experienced situations in which prejudices, communication difficulties or linguistic isolation occurred, it was noticed that, in general terms, the informants assess a positive value to bimodal bilingualism.

Keywords: Libras. Bimodal bilingualism. Language ideologies.

¹ Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: alinebehlingduarte@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: deboramedeiros3@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: tblebedeff@gmail.com

Introdução

O bilinguismo engloba uma gama de possibilidades e pode ser visto sob várias perspectivas, que destacam a relevância de diferentes aspectos concernentes ao uso de mais de uma língua. Situações em que uma pessoa domina mais de uma língua são bem mais recorrentes do que julga o senso comum (DE BOT, 2019). Esta constatação não afeta apenas os usuários de duas ou mais línguas orais-auditivas (bilíngues unimodais); falantes de línguas visuoespaciais também detêm o título de bilíngues quando conhecem outra língua da mesma ou de outra modalidade (bilíngues bimodais).

Porém, esse fato pode ser visto como prejudicial e acabar sendo desaconselhado. Ou então, em outras circunstâncias, uma pessoa bilíngue acaba não sendo muito valorizada. Essas diferenças são atribuídas a diversos fatores, que, sem dúvida, vão muito além das línguas em si mesmas.

Se por um lado um falante bilíngue pode ser detentor de dois códigos que desfrutam de grande prestígio (o caso dos bilíngues que dominam duas línguas hegemônicas, como o inglês, espanhol, alemão ou francês, por exemplo), por outro, há falantes bilíngues que podem não gozar da mesma vantagem (a condição de falantes de variedades dialetais de línguas majoritárias, ao exemplo dos dialetos de origem alemã e italiana usados no sul do Brasil). Na mesma situação encontram-se os falantes de línguas de sinais.

Chama atenção o fato de pouco se estudar nos cursos de Licenciatura em Letras o bilinguismo bimodal, o bilinguismo dos falantes de línguas de sinais. Por isso, objetiva-se refletir neste trabalho, por meio das respostas obtidas em um questionário, sobre como os surdos vivenciam a situação de uso de duas línguas de modalidades diferentes e quais as ideologias e crenças podem ser percebidas como pressupostos de suas manifestações. Primeiramente, serão abordados os conceitos teóricos que embasaram as análises, a saber, o de bilinguismo e o de ideologias linguísticas. Em seguida, será apresentada a metodologia de coleta dos dados e, após, a descrição e discussão dos mesmos. Por último, serão esboçadas algumas considerações finais.

Bilinguismo

Em virtude das definições discordantes propostas ao longo das décadas, conceituar bilinguismo não é uma tarefa fácil. Se por um lado temos a defesa de que bilíngues são os indivíduos que conheçam ao menos algumas poucas palavras em outra língua (EDWARDS, 2006), de outro lado existem os que acreditam que bilíngues são apenas os indivíduos que possuem controle nativo em outra língua (BLOOMFIELD, 1933).

A noção de que um “verdadeiro bilíngue” é aquele cujo nível de proficiência se iguala ao de um nativo foi apresentada por Bloomfield (1933). Segundo o autor, o bilinguismo é a consequência do uso de duas línguas na primeira infância, sendo bastante improvável que após esse período seja possível atingir o nível esperado, uma vez que já não existe a flexibilidade muscular e nervosa para reproduzir os sons da língua estrangeira, por exemplo.

A perspectiva adotada neste trabalho é a proposta por Grosjean (2008a). Para o autor, o fenômeno bilíngue deve ser abordado a partir de uma visão holística, na qual o falante é compreendido como um todo integrado que não pode ser separado em duas partes. Em outras palavras, o autor contesta a perspectiva de que o bilíngue é a soma de dois monolíngues. Ao invés disso, o falante de duas línguas possui uma configuração linguística específica que promove a coexistência e a constante interação das duas línguas (p. 13).

Ainda, este trabalho está em consonância com um segundo apontamento de Grosjean (2008b), quando o linguista afirma que os falantes bilíngues são aqueles que usam mais de uma língua em seu cotidiano (p.10). Compartilhamos da ideia de que o bilíngue é completamente apto para se comunicar em situações nas quais está inserido, uma vez que faz uso das línguas tendo diferentes propósitos, em diferentes contextos e com pessoas diferentes. Portanto, Grosjean (2008b) corrobora a concepção de Mozzillo (2001), ao ressaltar que raramente os bilíngues têm o mesmo nível de fluência em ambas as línguas que falam. Entretanto, também devem ser concebidos como bilíngues os indivíduos que não utilizam as duas línguas da mesma forma, nos mesmos contextos e com os mesmos níveis de proficiência (GROSJEAN, 2008b, p. 14).

Em se tratando de níveis de proficiência, Macnamara (1967) chama atenção para as habilidades linguísticas (falar, escrever, entender e ler). De acordo com o linguista, falantes bilíngues não têm necessariamente os mesmos níveis de competência em cada uma das habilidades. Portanto, bilíngues são aqueles que “possuem uma das habilidades linguísticas mesmo que em um nível mínimo em sua segunda língua”⁴ (MACNAMARA, 1967, p. 59-60). Ademais, o autor acredita na ideia de bilinguismo como um *continuum*, que varia entre os indivíduos e entre as habilidades.

Mozzillo de Moura (1997) corrobora a ideia de um *continuum* bilíngue. A autora destaca que todos os indivíduos que dominam pelo menos uma das habilidades linguísticas em mais de uma língua estão situados em algum lugar de um *continuum* imaginário, conforme ilustrado na Figura 01. De acordo com a pesquisadora, o *continuum* está dividido em: monolíngues,

⁴ Texto original: “possess at least one of the language skills even to a minimal degree in their second language” (MACNAMARA, 1967, p. 59-60).

bilíngues desequilibrados e bilíngues equilibrados. Faz-se vantajoso destacar que os indivíduos não permanecem estáticos na linha imaginária do *continuum*, durante o percurso de aquisição de uma língua. O indivíduo pode mover-se entre os níveis de proficiência, tanto proceder quanto retroceder em sua aprendizagem (MOZZILLO DE MOURA, 1997, p. 73-74).

Figura 1 – *Continuum* bilíngue



Fonte: elaborada pelas autoras. Baseado em de Mozzillo de Moura (1997).

Neste estudo, ratificamos as concepções apresentadas por Grosjean (2008a; 2008b), quando o autor argumenta por uma visão holística baseada no uso cotidiano das línguas, o que não pressupõe níveis de proficiência equiparados aos nativos. Também, nos coadunamos com as posições de Mozzillo de Moura (1997) e Macnamara (1967), à medida em que ambos os linguistas atentam para o caráter de *continuum* do fenômeno bilíngue. Na próxima seção, discutiremos aspectos voltados ao bilinguismo decorrente do uso de línguas oral-auditivas e visuoespaciais.

Bilinguismo bimodal

A vivência das pessoas surdas inseridas em uma comunidade de ouvintes é a situação mais corrente, o que ocasiona o convívio com, pelo menos, duas línguas:

[...] o mais comum é que surdos, usuários de línguas de sinais, e ouvintes, usuários de línguas orais, compartilhem um mesmo espaço geográfico, o que coloca os indivíduos e suas línguas em contato. [...] A situação mais comum nas sociedades letradas é que os surdos utilizem, em algum nível, duas línguas em seu cotidiano – a LS da comunidade surda local e a língua oficial oral e/ou escrita. (SILVA, 2017, p. 125)⁵

Ocorre, portanto, a prevalência do bilinguismo, com algumas especificidades. A primeira delas é que há uma condição de assimetria entre as línguas. No contexto brasileiro, por

⁵ A autora utiliza a abreviação LS para se referir à língua de sinais.

exemplo, há uma dominância da língua portuguesa como língua majoritária, e a Libras é considerada minoritária. Esse conceito não diz respeito apenas a um aspecto quantitativo, mas sim qualitativo e, especialmente, de *status*, pois indica a (im)possibilidade de uma língua de exercer determinadas funções em uma sociedade. Assim,

[...] ser *minoría* não é uma questão numérica. As minorias existem sempre em relação a uma posição hegemônica dada. Por isso, prefiro falar em línguas em situação minoritária ou, simplesmente, línguas minorizadas, para me referir aos idiomas que não dispõem dos equipamentos a serviço das línguas hegemônicas; ou bem às situações em que uma língua se encontra à margem das estruturas de poder. (LAGARES, 2018, p. 121, grifo do autor)

Santiago e Andrade (2013) defendem que a Libras é a L1, primeira língua e, conseqüentemente, a língua de “conforto linguístico” para os surdos brasileiros. As autoras definem conforto linguístico como:

[...] a situação de uma pessoa que se comunica e interage com o mundo, por meio de uma língua que lhe é natural, língua esta que lhe dá condições de entender e interpretar o mundo de maneira completa e significativa, e de produzir sentido nos enunciados nesta língua (SANTIAGO; ANDRADE, 2013, p. 147)

A discussão a respeito do conforto linguístico por meio da Libras, de acordo com as autoras, adquire força a partir do reconhecimento da Libras como L1 da comunidade surda e, “sobretudo, com alicerce na resistência desta comunidade à imposição de padrões e dos estereótipos criados em torno do sujeito surdo” (SANTIAGO; ANDRADE, 2013, p. 148).

A segunda especificidade é quanto à modalidade. Por compreender o conhecimento de uma língua oral-auditiva (como é o caso do português) e de outra visuoespacial (como é a Libras), classifica-se como bilinguismo bimodal ou intermodal. Nesse sentido, pode-se compreender a Libras, para o surdo brasileiro, como sua Língua 1, L1 em Modalidade 1, M1, e, a Língua Portuguesa como, como uma Língua 2 em Modalidade 2, ou L2M2. A sigla L2M2 foi proposta pelo Relatório sobre a Política Linguística da Educação Bilíngue para surdos (MEC/SECADI, 2014), que evidencia as diferenças de aquisição e aprendizagem do par linguístico Libras e Língua Portuguesa.

Ainda, quanto às diferenças entre as formas de bilinguismo, Fonseca (2015) defende que a experiência linguística vivenciada pelos bilíngues bimodais não se diferencia drasticamente da vivida por bilíngues unimodais ou monomodais. Conseqüentemente, é possível adotar as mesmas classificações de “o grau de conhecimento que se tem da língua, a

medida de alternância, a função do uso e a interferência entre as línguas” (FONSECA, 2015, p. 18) referentes à análise do bilinguismo unimodal quando se estuda o bilinguismo bimodal.

Em relação ao aspecto de alternância entre as línguas, fenômeno natural decorrente do contato linguístico, cabe diferenciar dois aspectos inerentes à situação bilíngue, a saber: o *code-switching* e o *code-blending*. Apesar de ecoarem ocorrências bastante similares, em função das diferentes modalidades entre as línguas, tratam-se de conceitos distintos. Conforme ressalta Mozzillo (2009), o *code-switching* é um recurso comunicativo característico da fala de bilíngues e seus pares conversacionais, desde que ambos detenham o mesmo par de línguas. Assim, o *code-switching* é um mecanismo de “adaptação comunicativa altamente desejável e benéfico do ponto de vista pragmático, constituindo um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua” (MOZZILLO, 2009, p. 186).

Em se tratando de línguas visuoespaciais, Emmorey *et al.* (2008) esclarecem a existência do *code-blending*. Segundo os autores, o *code-blending* é o resultado da alternância entre línguas de modalidades diferentes, como é o caso do português e da Libras. Na visão de Emmorey *et al.* (2008, p. 45), os “bilíngues bimodais devem ser livres para produzir sinais e palavras ao mesmo tempo, e a combinação de códigos pode ser frequente”⁶, o que não significa corroborar a noção de “fala como língua legítima” (SANTANA, 2007, p. 121) ou advogar pelo ensino da oralidade como uma “reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à não-surdez” (GOLDFELD, 2001, p. 34). Assim, é primordial ressaltar que o *code-blending* não remete à filosofia da Comunicação Total (CT). Conforme destaca Lorenzini (2004, p. 17), a CT pressupõe o uso de qualquer recurso - leitura labial, uso de aparelho auditivo, escrita, oralização - que possa facilitar a comunicação.

Outro aspecto que faz parte do histórico linguístico de muitos bilíngues bimodais é a aquisição tardia da Libras. Silva (2015) aponta que mais de 90% das crianças nascidas surdas são filhos de pais ouvintes, o que acarreta em um atraso aquisicional da Libras. A autora é ainda mais enfática ao afirmar que, em muitos casos, o processo de aquisição da língua de sinais ocorre em um “período além da primeira infância” (p. 277), acontecendo até mesmo na vida adulta. Contudo, cabe chamar a atenção para o fato de que a língua materna dos surdos é a Libras, mesmo que sua aquisição ocorra tardiamente.

Assim, Bagga-Gupta (2000) defende que o bilinguismo bimodal não surge de maneira espontânea. Enquanto a língua de sinais é adquirida naturalmente, em um ambiente em que seja

⁶ Texto original: “bimodal bilinguals should be free to produce signs and words at the same time, and code-blending can be frequent” (EMMOREY *et al.*, 2008, p. 45).

utilizada, a língua oral-auditiva (na sua versão escrita) é aprendida a partir da instrução explícita. Ainda que imersos em um contexto que privilegia o uso da língua portuguesa, a Libras deve ser considerada a primeira língua dos surdos brasileiros. Conseqüentemente, o português deve ser visto como uma língua secundária, a segunda língua dos surdos.

Ideologias linguísticas

A noção de ideologias linguísticas se faz pertinente neste estudo pois o que se entende por bilinguismo e as percepções dos sujeitos sobre ele fundamentam-se nos entendimentos que têm sobre o que é, de fato, saber uma língua. As práticas de linguagem são atravessadas por crenças, valorações e ações sobre as formas como os atores sociais são caracterizados, exercendo influência em sua construção identitária.

Del Valle (2007) define as ideologias linguísticas como sistemas de ideias que articulam noções de linguagem, línguas, fala e comunicação com formações culturais, políticas e sociais específicas. Há, portanto, o entrelaçamento de muitos fatores, linguísticos e extralinguísticos, na construção das ideologias.

Os fatores ideológicos perpassam os usos que todos os falantes fazem das línguas e, ao mesmo tempo, vão moldando suas práticas. Ao mesmo tempo que são um sistema subjetivo, as ideologias se materializam nas ações sociais, além de normalizar e naturalizar uma determinada interpretação da realidade.

Woolard (2007) afirma que as ideologias linguísticas estão ligadas profundamente às estruturas sociais e aos exercícios de poder, sendo um instrumento a serviço não só da interação verbal como também da ação política e da imposição, fortalecimento e disputa das hierarquias sociais. Isso se deve ao caráter situado, parcial, interessado e múltiplo das ideologias, que são construídas, implícita ou explicitamente, de acordo com as experiências socioculturais dos falantes.

Assim, esse conceito se mostra significativo para a interpretação e entendimento da relação entre as línguas e os sujeitos no mundo social. O reconhecimento de que não há línguas melhores ou piores, do ponto de vista da Linguística (CALVET, 2007), e de que não há prejuízo no produto resultante dos contatos não impede que as crenças e as ideologias que perpetuam preconceitos ainda interfiram nas atitudes dos falantes.

A ideologia reducionista de que no Brasil só se fala português e que essa é uma condição para ser brasileiro (OLIVEIRA, 2002), por exemplo, tem implicações no uso de línguas minoritárias, como a Libras. Isso pode ser percebido na legislação, que assegura o direito ao uso da língua de sinais, mas explicita que esta não substitui a modalidade escrita do português,

língua majoritária. Por isso, faz-se necessária a reflexão sobre os fatores que compõem as crenças e as valorações das línguas, inseridas em contextos e expressando posicionamentos sociais.

Ainda sobre o uso de línguas de sinais, percebe-se como as ideologias linguísticas direcionam as abordagens de ensino ao longo da história. Barros e Alves (2019) fazem um panorama sobre o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. A abordagem oralista busca ensinar o aluno surdo a utilizar a língua oral, proibindo o uso da sinalização, para torná-lo semelhante aos ouvintes. Emerge daí uma ideologia de superioridade da língua oral. Baseia-se na premissa de que a língua de sinais prejudica a aquisição e a reabilitação da fala, além de ser vista como “sinônimo de obscuridade do pensamento, a razão só seria acessível pelo domínio da língua oral” (BARROS; ALVES, 2019, p. 5).

Na Comunicação Total, há uma maior liberdade para a expressão na modalidade que seja preferida pelo aluno surdo. Assim, “defendia um ensino com uso de sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital” (BARROS; ALVES, 2019, p. 9). Relaciona-se à ideologia de que a comunicação e a expressão podem ocorrer com o uso de diferentes ferramentas e conhecimentos. No entanto, há críticas que apontam que essa abordagem, com o uso simultâneo das duas modalidades, dificultava a compreensão das informações e a aprendizagem da leitura e da escrita.

A proposta educacional do Bilinguismo pretende tornar possível a coexistência das línguas no ambiente escolar, reconhecendo a importância e a diferença entre as funções exercidas por cada uma, tanto no âmbito da aprendizagem como nas vivências cotidianas dos alunos. Aponta para uma ideologia de valorização dos conhecimentos linguísticos dos surdos e de entendimento do bilinguismo como a possibilidade do uso de diferentes línguas, com diferentes propósitos. Barros e Alves (2019) indicam que há dificuldades ainda para a implementação desse método, principalmente relacionadas ao nível de conhecimento da língua de sinais por parte de todos os sujeitos envolvidos.

Na próxima seção, o método empregado no estudo será apresentado, de modo a traçar um breve perfil dos sujeitos de pesquisa e do instrumento utilizado na coleta de dados.

Método

Os dados apresentados neste artigo foram obtidos por meio de um questionário⁷ *on-line* (Apêndice A) aplicado entre os meses de agosto e setembro de 2020. Todas as etapas e perguntas apareciam explicadas em vídeo em Libras, conforme ilustrado na Figura 2:

Figura 2 – Intérprete de Libras sinalizando a primeira pergunta do questionário



Fonte: elaborada pelas autoras.

Inicialmente, com um vídeo de apresentação, foi informado que a identidade dos participantes não seria divulgada. Logo em seguida, foram dadas algumas instruções sobre a organização do questionário e sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Cabe destacar que todos os participantes do estudo autorizaram o uso das informações fornecidas ao responderem ao questionário. Ainda na primeira seção, os participantes foram instruídos a responderem todas as perguntas com apenas uma das opções indicadas, no caso das perguntas de múltipla escolha, ou produzirem uma resposta própria.

Ao final do questionário, o vídeo de fechamento trouxe alguns esclarecimentos sobre o bilinguismo, com uma rápida definição e uma caracterização do bilinguismo bimodal.

O questionário foi composto por vinte perguntas, algumas de múltipla escolha e outras de resposta livre. De forma geral, as perguntas tiveram como objetivo que os participantes pudessem expressar sua relação e percepção quanto ao uso da Libras e do português e quanto a sua situação de usuário de mais de uma língua. Obtivemos um total de 14 participações. Os

⁷ A aplicação do questionário na língua materna dos participantes somente foi possível através do trabalho do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e dos Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que gravaram e editaram o instrumento de pesquisa elaborado pelas autoras.

participantes tinham idade entre 15 e 33 anos e eram alunos de ensino médio e ensino fundamental.

Na próxima seção, a descrição e a discussão dos resultados obtidos no estudo serão apresentadas, de modo a relacionar o que foi averiguado aos aportes teóricos elencados nesta pesquisa.

Descrição e discussão dos resultados

Apresenta-se nesta seção uma análise geral das respostas obtidas com o questionário, que pode ser visto na íntegra no Apêndice A. Buscamos fazer um panorama de todas as perguntas, e não pretendemos, sem dúvida, esgotar as possibilidades de reflexão sobre as informações obtidas com o instrumento de coleta dos dados.

A pergunta um⁸ obteve como resposta que os pais de 8 participantes são os dois ouvintes, enquanto que a situação em que os dois são surdos ou que um dos dois é surdo foi a opção marcada igualmente por 3 participantes. Essa situação tem grande interferência na vivência dos surdos e no acesso às línguas, já que a maior parte das famílias não está inserida na comunidade surda e tem muito pouca informação sobre o assunto.

Silva (2017) chama a atenção para esse fato ao comentar sobre a desigualdade que ocorre na transmissão de línguas entre os pais e as crianças justamente por aqueles serem na maioria ouvintes. A autora aponta uma estimativa de que esse seria o contexto em 90% dos casos. O reflexo disso é percebido ao longo das respostas ao questionário.

A segunda pergunta⁹, referente à idade de início do contato com surdos e com a Libras, demonstra a aquisição tardia da língua de sinais. Daqueles que souberam responder, apontaram idades de até 26 anos. Mesmo o participante que mencionou que teve contato aos três anos, relacionou o contato à escola. A grande variação da idade de início da exposição à língua de sinais também é citada por Silva (2017), tendo impacto na aquisição e no processamento da língua.

A terceira pergunta¹⁰ obteve um resultado interessante de 11 respostas que apontavam para a Libras como a primeira língua a ter sido aprendida. Isso chama a atenção pelo fato de que, na resposta anterior, as idades de contato com a Libras terem sido bastante elevadas. Como possível explicação, pode-se mencionar a ideologia linguística de que a Libras é a sua língua materna de fato e de direito, na qual constrói sua identidade, por isso é mencionada em primeiro

⁸ Seu pai e sua mãe são surdos ou ouvintes? Marcar uma opção.

⁹ Você começou a ter contato com surdos e com a Libras em qual idade? Escrever a sua resposta.

¹⁰ Qual língua você aprendeu primeiro? Marcar uma resposta.

lugar. Nota-se, assim, um claro entendimento similar aos postulados de Bagga-Gupta (2000) quanto ao entendimento de que a língua materna do surdo é a língua de sinais.

A pergunta quatro¹¹ corrobora que o contato com a Libras ocorre, majoritariamente, na escolarização. Apenas um participante apontou a aprendizagem em casa, desde o nascimento, com familiares surdos. Os demais escolheram as respostas relacionadas a situações de educação formal: escola (10), projetos de educação (2) e cursos (1).

Pelas respostas à pergunta cinco¹², percebe-se como ser surdo e ter contato constante com a comunidade surda não é algo óbvio. Para alguns, isso já faz parte do cotidiano há cerca de vinte anos. Porém, para outros, o contato vem ocorrendo há apenas dois anos.

As disparidades no contato e na aprendizagem da Libras projetam-se no que se percebe na pergunta seis¹³, pois as opções marcadas diferem bastante. Quatro participantes relataram ter estudado inicialmente em escolas onde eram os únicos surdos, sendo que dois deles tinham o auxílio de intérpretes; isso restringe significativamente as oportunidades de uso da língua de sinais.

As respostas à pergunta sete¹⁴ demonstram que os participantes nasceram surdos ou perderam a audição com no máximo quatro anos de idade. Dos 14 sujeitos de pesquisa, apenas 5 nasceram surdos, os demais 9 participantes ficaram surdos em decorrência de doenças como meningite, por exemplo, ou perderam aos poucos a audição, em função de outras patologias. Estes dados estão diretamente relacionados com a idade em que tiveram o primeiro contato com usuários de libras e/ou associações de surdos. Mesmo tendo nascido surdos ou perdido a audição com pouca idade, os primeiros contatos com seus pares bilíngues bimodais parecem ter ocorrido tardiamente. A maior parte dos participantes relata contato na adolescência, enquanto poucos destacam fazerem parte de grupos de surdos desde a primeira infância. Este resultado, mesmo que em um contexto restrito, reflete a necessidade de ampliação na estrutura educacional e cultural oferecidas às famílias de surdos e aos próprios surdos.

A pergunta oito¹⁵ aponta para a preferência dos participantes pela sinalização na comunicação familiar, mas há a necessidade de uso da língua oral. Pode-se relacionar isso à situação de que os surdos se encontram em famílias de ouvintes, em que, muitas vezes, nem

¹¹ Onde e como você aprendeu Libras? Marcar uma opção ou escrever sua resposta.

¹² Há quantos anos você tem contato constante com a comunidade surda usuária da Libras? Escrever o número de anos.

¹³ Nos primeiros anos do Ensino Fundamental - de 1ª a 4ª série, você estudou em que tipo de escola? Marcar uma opção ou escrever sua resposta.

¹⁴ Em que idade você ficou surdo? Se você nasceu surdo, escrever 0. Se ficou surdo, escrever a idade.

¹⁵ Como você costuma se comunicar com sua família – pais, irmãos, cônjuge, filhos? Marcar uma opção ou escrever sua resposta.

todos se dispõem a aprender a língua de sinais, guiados, principalmente, por ideologias linguísticas negativas quanto a ela.

Em contrapartida, a pergunta nove¹⁶ obteve apenas três respostas que indicam que a família apenas sinaliza e cinco que sinaliza e fala ao mesmo tempo, indicando a presença do *code-blending*. Dois participantes marcaram a opção de que a família apenas fala português e outros escolheram escrever relatando essa situação, em que os familiares somente utilizam a língua oral ou apenas a mãe tem algum conhecimento da Libras. A vivência dos surdos é marcada, muitas vezes, pelo isolamento linguístico, fruto, como explicado anteriormente, de ideologias negativas sobre a sinalização; a isso se devem consequências em vários níveis de desenvolvimento dos surdos (SILVA, 2017).

De forma semelhante, com a pergunta dez¹⁷ pode-se entender que na comunicação com os amigos os participantes também utilizam tanto a sinalização como a língua oral; há três casos de uso apenas da Libras e outros três casos de uso somente da oralização. Outros recursos foram mencionados, como o uso de gestos e de escrita, que são alternativas para comunicação intermodal, onde os sujeitos não dominam a língua um do outro, mas buscam uma forma de intercompreensão.

A situação se repete nas respostas à pergunta onze¹⁸, e percebe-se que os amigos ouvintes dão preferência ao uso da sinalização, mesmo que em 5 casos o destaque seja para o uso exclusivo do português.

A frequência de uso das línguas conhecidas, de acordo com a pergunta doze¹⁹, evidenciou a maior utilização da Libras por dez participantes, enquanto para os outros quatro participantes a língua portuguesa é a mais utilizada.

A pergunta treze²⁰ apontou que dez participantes indicaram que são alfabetizados e que sabem ler e escrever em português, enquanto os outros quatro afirmam conhecer um pouco da oralidade e um pouco de escrita e leitura em português.

Comparando o domínio das línguas, a pergunta catorze²¹ teve como resposta principal (10) que o nível de conhecimento entre Libras e português é equivalente. Três participantes sabem mais Libras e um sabe mais português.

¹⁶ Como as pessoas da sua família – pais, irmãos, cônjuge, filhos– costumam se comunicar com você? Marcar uma opção.

¹⁷ Como você costuma se comunicar com seus amigos ouvintes? Marcar uma opção.

¹⁸ Como seus amigos ouvintes costumam se comunicar com você? Marcar uma opção ou escrever resposta.

¹⁹ Qual língua você utiliza com mais frequência? Marcar uma opção.

²⁰ O meu conhecimento em português engloba... Marcar uma opção.

²¹ O seu nível de conhecimento em Libras e Português é o mesmo? Marcar uma opção.

Na pergunta quinze²², seis participantes, felizmente, marcaram a opção de que nunca sofreram preconceito no uso de nenhuma de suas línguas. Porém, sete sofreram preconceito no uso da Libras e um no uso do português.

Para complementar e entender melhor as situações de preconceito, a pergunta dezesseis²³ pede a descrição da situação em que o vivenciaram. Três explicações se destacaram: 1) o preconceito dentro da própria família; 2) por parte de amigos e colegas, chegando a situações de violência; 3) por parte do próprio sujeito, que diz que desprezava a Libras e desejava ser ouvinte. Isso evidencia que ainda é presente uma ideologia que vê de forma negativa o uso da língua de sinais, influenciando a própria constituição da pessoa que rechaça a sua situação. Percebe-se que ainda há uma opressão e uma vontade de normalização dos surdos, com atitudes que remetem ao audismo, conforme explicado por Martins (2018).

Na pergunta dezessete²⁴, quatro participantes afirmaram não ter dificuldade em nenhuma das línguas, por serem fluentes nas duas. No entanto, cinco têm dificuldade com o português e outros cinco têm dificuldade no uso da Libras, já que muitas pessoas com as quais têm contato não a dominam.

A pergunta dezoito²⁵ diz respeito à visão que têm sobre o uso de duas línguas. As respostas se direcionaram para uma percepção positiva, destacando a preferência pela Libras, ao mesmo tempo que afirmam ser necessário saber o português, por motivos de estudo e de trabalho futuro, pela necessidade de saber escrever e porque a maior parte das pessoas não sabe a língua de sinais. Pode-se perceber a emergência da ideologia linguística a partir da qual à língua portuguesa se atribui um valor instrumental e de intercompreensão.

A pergunta dezenove²⁶ mobiliza as ideologias sobre o bilinguismo e questiona se os participantes se consideram bilíngues. Dois deles afirmaram categoricamente não serem bilíngues, e quatro explicaram não saber. Mesmo terem descrito durante todo o questionário sua relação com as duas línguas, quase metade dos participantes não se veem como bilíngues. Afiliam-se, portanto, à ideologia linguística de que, para ser considerado bilíngue, é necessário dominar completamente todas as habilidades em ambas as línguas (BLOOMFIELD, 1933). Aqueles que explicaram sua situação de bilinguismo salientaram a importância do conhecimento das duas línguas, demonstrando valorizar os diversos conhecimentos

²² Você já sofreu algum tipo de preconceito ao utilizar alguma das línguas? Marcar uma opção.

²³ Em quais tipos de situações, você vivenciou preconceito? Por parte de quem? Escrever a sua resposta.

²⁴ Você sente dificuldade ao utilizar uma das línguas? Marcar uma opção.

²⁵ Você acha que utilizar duas línguas é algo positivo ou negativo? Por quê? Escrever a sua resposta.

²⁶ Você se considera uma pessoa bilíngue? Por quê? Escrever a sua resposta.

linguísticos; destaca-se a preferência pela Libras, mas o português mostra-se como uma necessidade.

Por fim, a pergunta vinte²⁷ solicita que expliquem o que entendem como bilinguismo. Nas respostas obtidas, cinco participantes afirmaram não saber explicar. As demais explicações indicaram o entendimento de que se refere a saber mais de uma língua; também se destacou a compreensão de que a Libras viria em primeiro lugar e o português teria função para a escrita.

A partir dos dados analisados na pesquisa, percebe-se como os participantes manifestaram diferentes ideologias linguísticas, ratificando que estas são múltiplas e articuladas sob influência de diversos fatores. Depreende-se, assim, que a construção das ideologias ocorre com base em todas as vivências e experiências dos sujeitos, e não somente por elementos das próprias línguas em si mesmas, o que vai ao encontro das considerações de Del Valle (2007) e Woolard (2007).

A pesquisa desenvolvida permite compreender que as ideologias linguísticas mobilizadas nas respostas ao questionário são (re)produzidas de acordo com as práticas sociais dos sujeitos, com os contextos e oportunidades de usos das línguas conhecidas, com o valor atribuído a elas. Disso decorre também a própria formação identitária dos surdos, ao se considerarem ou não como bilíngues, o que pode permitir ou restringir o sentimento de pertencimento a determinadas comunidades de falantes e de serem dignos de usufruir de determinados bens culturais.

Considerações finais

O bilinguismo é um fenômeno multifacetado (SILVA, 2017), com muitas mais especificidades quando se considera o bilinguismo bimodal. Não há uma homogeneidade nas experiências e vivências. Há profundas diferenças no acesso à língua, à escolarização, aos bens culturais. Viana (2019) denomina de “entrelugar” o ensino de língua portuguesa para surdos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A autora acredita que o trabalho com a Língua Portuguesa com alunos surdos deveria ser construído visando à autonomia social do indivíduo, o que ultrapassaria as competências propostas para o trabalho com a língua estrangeira presente nos PCN; entretanto, também não atinge os objetivos expostos através dos conteúdos para a Língua Portuguesa como língua materna no mesmo documento. Cabe salientar, também, que a Libras, enquanto disciplina curricularizada, não consta nos PCN. Ou seja, a Língua Portuguesa não figura como L2 e a Libras não aparece no documento, o que possibilita a inferência que o

²⁷ Na sua opinião, o que é bilinguismo? Escrever a sua resposta.

ensino formal das duas línguas, como na proposta de Educação Bilíngue, ocorra, na maioria das instituições escolares, em uma construção diária, com riscos de que a Libras seja compreendida apenas como “língua de tradução” dos conteúdos escolares ou como “dispositivo didático”.

Esses fatores recebem influências das diferentes ideologias linguísticas mobilizadas na sociedade e que também emergiram nas respostas dos participantes. Podemos perceber que vários deles passaram ou ainda passam por situações que refletem ideologias negativas sobre o uso da Libras, sofrendo preconceitos, dificuldades de comunicação e até isolamento linguístico.

Felizmente, também foi possível depreender que a visão dos participantes, de forma geral, demonstra uma motivação pela ideologia linguística que compreende o valor positivo do conhecimento das duas línguas com as quais convivem. Sem dúvida, este estudo apresenta lacunas e possibilidades de maior exploração dos dados, aprofundando os entendimentos sobre a experiência dos surdos e sobre como as ideologias linguísticas permeiam o uso que fazem das duas línguas.

No entanto, constatamos que ainda existe uma grande necessidade de ações que promovam uma conscientização para a valorização das línguas e dos diversos conhecimentos linguísticos dos sujeitos. Através de pesquisas das várias áreas da Linguística, precisamos difundir a perspectiva holística do bilinguismo (GROSJEAN, 2008a; 2008b) e a ideologia de que os bilíngues podem e devem ser assim considerados mesmo com graus e níveis diferentes nas habilidades possibilitadas por cada língua e com o emprego de cada uma para propósitos comunicativos múltiplos (MACNAMARA, 1967). Principalmente pelo fato de haver uma ligação de interdependência entre língua e identidade, a forma como ocorre o contato entre a Libras e o português intervém na constituição dos surdos enquanto sujeitos em suas práticas sociais.

Referências

BAGGA-GUPTA, S. Visual language environments exploring everyday life and literacies in Swedish deaf bilingual schools. **Visual Anthropology Review**, v. 15, n. 2, p. 95-120, 2000.

BARROS, H. A; ALVES, F. R. V. As principais abordagens de ensino para o surdo: e a valorização da cultura dos surdos. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 8, p. 1-16, 2019.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

CALVET, Louis-Jean. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

DE BOT, K. Defining and Assessing Multilingualism. *In*: SCHWIETER, J. (Ed). **The Handbook of the Neuroscience of Multilingualism**. New Jersey: Wiley-Blackwell Publishing Ltd., 2019. p. 3-18.

DEL VALLE, J. Glotopolítica, ideología y discurso: categorías para el estudio del estatus simbólico del español. *In*: DEL VALLE, J. (ed.). **La lengua, ¿patria común? Ideas e ideologías del español**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2007. p. 13-29.

EDWARDS, J. Foundations of bilingualism. *In*: BHATIA, K.; RITCHIE, W. (Eds.). **The handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, p. 7-31, 2006.

EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H.; THOMPSON, R.; GOLLAN, T. Bimodal bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 11, n. 1, p. 43-61. 2008.

FONSECA, S. **Bilinguismo bimodal**: um estudo sobre o acesso lexical em intérpretes de libras-português. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2001.

GROSJEAN, F. **Studying bilinguals**. New York: Oxford University Press, 2008a. p. 9-21.

GROSJEAN, F. Bilingüismo individual. **Revista UFG**, Goiânia, v. 5, p. 163-176, 2008b.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

LORENZINI, N. M. P. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental**. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MACNAMARA, J. The Bilingual's linguistic performance: A psychological overview. **Journal of Social Issues**, v. 23, p. 59-77, 1967.

MARTINS, F. C. Formação de professores bilíngues, políticas linguísticas e práticas pedagógicas. *In*: FÓRUM BILÍNGUE DO INES, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SignEqSZ7bg>. Acesso em: 24 ago. 2020.

MEC/SECADI. **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>. Acesso em: 5 maio 2018.

MENDES, J. **Ideologias linguísticas e bilinguismo**: o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais bilíngues da área de Letras. 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

MOZZILLO DE MOURA, I. A representação dos sistemas lingüísticos no cérebro dos indivíduos bilíngües. **Caderno de Letras**, Pelotas, v. 6, n. 6, p. 73-84, 1997.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. *In*: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (Orgs.). **Transformando a sala de aula, transformando o mundo**: ensino e pesquisa em língua estrangeira. Pelotas: Educat, 2001.

MOZZILLO, I. O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue. **Papia**, Brasília, v. 19, p. 185-200, 2009.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. *In*: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (orgs.) **O direito à fala**: a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis: Insular, p. 83-92, 2002.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTIAGO, V. A. A.; ANDRADE, C. E. Surdez e sociedade: questões sobre conforto lingüístico e participação social. *In*: ALBRES N. A.; NEVES, S. L. G. (orgs.). **Libras em estudo: política lingüística**. São Paulo: Feneis, 2013. p. 145-163.

SILVA, G. M. S. O bilingüismo dos surdos: acesso às línguas, usos e atitudes lingüísticas. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 58, p. 124-144, 2017.

SILVA, G. M. **Perfis lingüísticos de surdos bilíngües do par libras-português**. 2018. 217 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, S. Consequências da aquisição tardia da língua brasileira de sinais na compreensão leitora da língua portuguesa, como segunda língua, em sujeitos surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 21, n. 2, p. 275-288, 2015.

VIANA, J. M. **Adaptação do Shape Coding para o ensino de Língua Portuguesa para surdos do sexto ano do Ensino Fundamental**. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

WOOLARD, K. A. La autoridad lingüística del español y las ideologías de la autenticidad y el anonimato. *In*: DEL VALLE, J. (ed.). **La lengua, ¿patria común? Ideas e ideologías del español**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2007. p. 129-142.

Sobre as autoras

Aline Behling Duarte (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8502-1967>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); mestra em Letras pela mesma instituição; especialista em Letras – ênfase em Línguas Estrangeiras e graduada em Letras - Português/Inglês e respectivas Literaturas pela UFPel.

Débora Medeiros da Rosa Aires (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2831-6106>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); mestra em Letras pela mesma instituição; especialista em Linguística Aplicada e graduada em Letras – Português/Espanhol e respectivas Literaturas pela UFPel.

Tatiana Bolivar Lebedeff (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0586-349X>)

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); especialista em Formação de Professores em Educação a Distância pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); graduada em Educação Especial – Habilitação em Deficientes da Audiocomunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Realizou estágio Pós-Doutoral Sênior na University College London, com bolsa CAPES e estágio Pós-Doutoral no Montgomery County Community College em Ambler, Pensilvânia, com bolsa CAPES. É professora da Área de Libras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição.

Recebido em junho de 2021.

Aprovado em novembro de 2021.

APÊNDICE A – Questionário - Baseado em Silva (2018) e Mendes (2017)

Módulo 1 – Dados pessoais

Nome completo:

Idade:

E-mail:

Marcar sua escolaridade:

- Ensino Fundamental – de 1ª a 4ª série
- Ensino Fundamental – de 5ª a 9ª série
- Ensino Médio (2º grau)
- Ensino Superior (Faculdade)
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

Módulo 2 – Histórico linguístico

1 – Seu pai e sua mãe são surdos ou ouvintes? Marcar uma opção.

- a) Os dois são surdos.
- b) Os dois são ouvintes.
- c) Um é surdo e o outro é ouvinte.

2 – Você começou a ter contato com surdos e com a Libras em qual idade?

3 – Qual língua você aprendeu primeiro?

- Libras
- Português

4 – Onde e como você aprendeu Libras? Marcar uma opção

- a) Em casa, desde o nascimento, com contato com familiares surdos.
- b) Na escola, com colegas e professores surdos.
- c) Na escola, com colegas surdos.
- d) Fora da escola, em projetos de educação bilíngue para crianças surdas.
- e) No contato com surdos em associações, federações, etc.
- f) Em cursos de Libras.
- g) Na universidade.
- h) Outros.

5 – Há quantos anos você tem contato constante com a comunidade surda usuária

da Libras? Escrever o número de anos. Exemplo: 5 anos/ 7 anos.

6 – Nos primeiros anos do Ensino Fundamental- de 1ª a 4ª série, você estudou em que tipo de escola? Escolher uma opção que melhor descreve sua situação.

- a) Numa escola especial para surdos.
- b) Numa escola especial para crianças com deficiência.
- c) Numa escola comum com intérprete de Libras, com muitos alunos surdos.
- d) Numa escola comum com intérprete de Libras, onde você era o único surdo.
- e) Numa escola comum sem intérprete de Libras, onde você era o único surdo.
- f) Outros.

7 – Em que idade você ficou surdo? Se você nasceu surdo, escrever 0.

Módulo 3 – Uso da LIBRAS e do Português

8 – Como você costuma se comunicar com sua família – pais, irmãos, cônjuge, filhos? Marcar a opção principal.

- a) Você somente sinaliza.
- b) Você somente fala.
- c) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
- d) Outro.

9 – Como as pessoas da sua família – pais, irmãos, cônjuge, filhos– costumam se comunicar com você? Marcar a opção principal.

- a) Eles somente sinalizam.
- b) Eles somente falam português.
- c) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.

10 – Como você costuma se comunicar com seus amigos ouvintes? Marcar a opção principal.

- a) Você somente sinaliza.
- b) Você somente fala.
- c) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
- d) Outro.

11 – Como seus amigos ouvintes costumam se comunicar com você? Marcar a opção principal.

- a) Eles somente sinalizam.
- b) Eles somente falam português.
- c) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
- d) Outro.

12 – Qual língua você utiliza com mais frequência?

- LIBRAS
- Português

13 – O meu conhecimento em português engloba...

- Somente a oralidade, não sei ler e nem escrever em português.
- Sou alfabetizado em português, sei ler e escrever.
- Conheço um pouco de oralidade e um pouco de escrita / leitura.

14 – O seu nível de conhecimento em Libras e Português é o mesmo?

- Sim, é o mesmo.
- Não, tenho mais conhecimento em LIBRAS.
- Não, tenho mais conhecimento em Português.

15 – Você já sofreu algum tipo de preconceito ao utilizar alguma das línguas?

- Não.
- Sim, ao utilizar Libras.
- Sim, ao utilizar Português.

16 – Em quais tipos de situações, você vivenciou preconceito? Por parte de quem?

17 – Você sente dificuldade ao utilizar uma das línguas?

- Sim, sinto dificuldade em utilizar o português, pois não tenho domínio na língua.
- Sim, tenho dificuldade em utilizar a Libras, pois muitas pessoas (ouvintes e surdos) não dominam a língua.
- Não sinto dificuldade ao utilizar as línguas. Sou fluente nas duas.

Módulo 4 – Bilinguismo e Ideologias linguísticas

18 – Você acha que utilizar duas línguas é algo positivo ou negativo? Por quê?

19 – Você se considera uma pessoa bilíngue? Por quê?

20 – Na sua opinião, o que é bilinguismo?